

OCCIDENTE

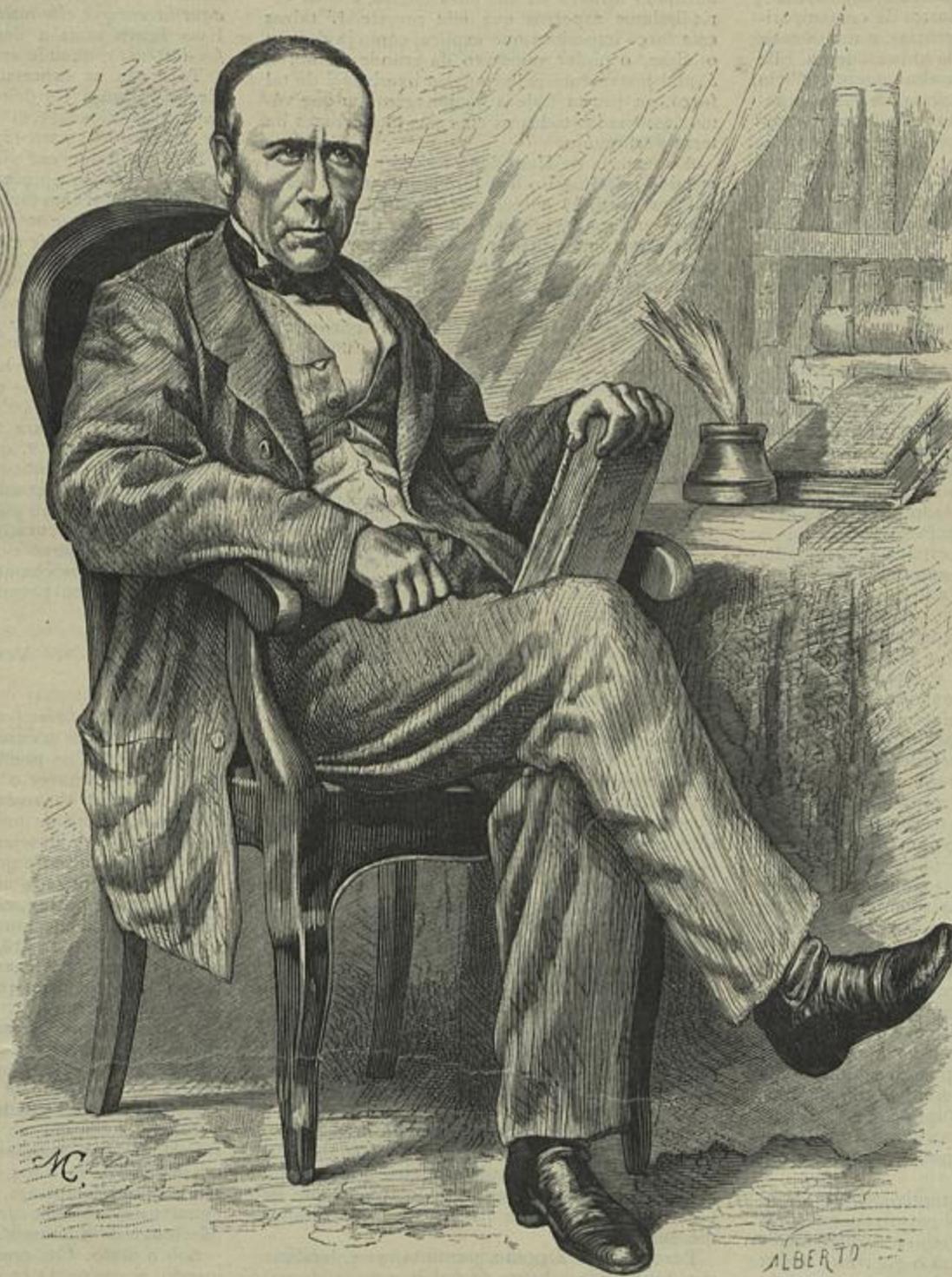


REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1124	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 de Março de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

Centenario de Alexandre Herculano



A. Herculano

DESENHO COMPOSTO POR MANUEL DE MACEDO E GRAVADO POR CAETANO ALBERTO, EM 1878

CHRONICA OCCIDENTAL

A comemoração do centenario de Herculano faz-nos passar pela mente as luctas tempestuosas em que, durante mais de quarenta annos, o leonino batalhador diligenciou demolir as preocupações do espirito nacional impediam a visão da verdadeira liberdade e do progresso, impressionando-o com o valor poetico dos seus extraordinarios romances, detendo-o na contemplação do alto ensinamento e da gloria que resultavam para o paiz dos seus profundos estudos historicos, empolgando-o com essa variedade de labores que tão alto o collocavam no seu tempo, tempo aliás tão rico de homens notaveis, tão iluminado por outras esplendidas manifestações de engenho.

Quando morreu Herculano, acusaram-no de ter quebrado a penna, de se ter retirado da arena aonde o seu valôr o chamava para a lucta, voltando as costas á patria, a quem elle se devia todo inteiro — alma, vida e pensamento, no dizer da glosa; a esta boa terra portugueza onde todas as classes, todas as corporações, todos os individuos, se podia dizer, almejavam por vê-lo á testa dos negocios publicos; a este paiz que tanto lhe queria e tanto o respeitava... Isto diziam os maldizentes, para mais e melhor depreciarem aquelle enorme caracter.

Mas o que diz a historia?

Diz a historia que o espirito recto, logico, inflexivel, de Herculano tinha horror ás contemporizações, ás ficções, ás transigencias, e muito mais aos embustes, á corrupção da vida moderna. Elle só obedecia aos impulsos da alma quando, cheio de enthusiasmo, de crenças vivas, de fortes esperanças, entrava na lucta; e era obedecendo sempre aos mesmos sentimentos que depois se retirava descrente e desiludido, não das idéas, mas dos homens.

Nascido nos primeiros annos do passado seculo, tão revoltado de luctas e de guerras que tiveram o mundo todo por actor e testemunha; quando os exercitos de Napoleão derramavam na Europa o sangue dos povos e as idéas revolucionarias, Herculano — no dizer de um dos seus biographos — parece que aspirou, com o leite materno, esse espirito de independencia e de caracter que tão profundamente vincou a sua luminosa carreira.

Provado já o animo nas pelejas cruentas da guerra, nas amarguras do exilio firmou elle a sua vocação. A saudade, que quebranta as almas pusillanimes, robusteceu e retemperou a d'elle, talhada como era para dominar gerações, impondo-se-lhes pela virilidade, pela supremacia do genio.

Concluida a lucta, derrotado para sempre e banido do territorio portuguez o despota que o ensanguentara, deposta a espada de soldado, Herculano, na flôr da vida, entrou na arena litteraria como um gladiador antigo, pronto para vencer ou morrer.

As tendencias do seu espirito severo e meditativo encaminharam-no, após a *Voç do Profeta* e a *Harpa do Crente*, para o estudo da historia patria. Percorrendo os velhos mosteiros abadias, pesquisando nos arquivos pulverulentos, estudando nos monumentos originaes, principiou a lançar no seu alto espirito as bases do magestoso edificio, que projectava levantar, e guiado por um admiravel senso critico resuscitou os primeiros tempos da monarchia, escreveu a historia das nossas origens, legou-nos emfim o monumento immorredero da sua *Historia de Portugal*, cujas paginas de bronze, bellas como as portas do baptisterio de Florença, não se enferrujam com os annos, antes se mostram cada vez mais robustas e formosas.

Nunca envelheceu tambem, nunca envelhecerá o *Eurico*, em que tudo é grande, epico e solemne: as personagens, os lances eminentemente tragicos, o estilo altamente lirico, dando áquellas paginas de prosa o valor d'um poema, ora suave e melancolico como uma elegia, ora sublime como a epopeia. Que escultural desenho o das figuras, que vigor de luz, que tumultuar de scenas de carnificina, em que as duas raças inimigas pelo sangue e pela religião se arrojam uma sobre a outra, como leões embravecidos!

Atacado pelas paginas vibrantissimas do *Monje de Cister*, o fanatismo religioso saia das sombras das sacristias e vinha, velho paladino, medir forças e quebrar lanças contra o guerreiro audaz que o provocara; mas logo derrotado, acossado nos ultimos intrincheamentos, abandonava o campo e fugia, arremessando injurias ao vencedor. Longe vão esses tempos em que a clerezia enfurecida, pretendendo luctar contra o espirito moderno, contra a razão e contra a liberdade,

encontrava em Portugal quem tão denodadamente se lhe opunha!

As muito poderosas faculdades de Herculano, depois de o terem conduzido através do intrincheado labirinto dos acontecimentos politicos e sociais dos primordios da civilisação portugueza, davam nos essas soberbas composições de diversa indole, em que a fabula se entrelaça com a historia, insufladas de verdade humana na pintura dos sentimentos e das paixões.

Quer nos grandes livros do escriptor, quer nos seus pacificos estudos sociais, quer nos jorros de luz que brotam dos seus combates e propagandas, a messe a recolher e a aproveitar não tem igual nem na riqueza, nem nas condições de concatenação, da harmonia e da estabilidade.

As suas doutrinas são fórtes como elle foi, e nada mais natural que levantarem-se ainda hoje contra ellas os espiritos que se empenham em atrazar-lhes o triumpho. E' preciso dizer e repetir, agora e sempre, como exemplo, como incitamento, e tambem como castigo, que Herculano, cuja grandeza de espirito só podia ser medida pela rigidez e austeridade do seu bello caracter — no dizer de um dos seus mais notaveis contemporaneos — entre muitos meritos teve um que sobre todos o engrandece e nobilita: não transigiu com a reacção. As suas convicções eram profundas e inabalaveis.

Ao lado do historiografo exacto andava o poeta filosofo a quem sorriam dôcemente todos os nobres ideaes da humanidade, e andava o patriota, afirmado através da sua obra inteira, sob os variadissimos aspectos que ella reveste. E' talvez esta força imperiosa que explica, como já alguém o disse, o poder suggestivo da grande memoria, á qual justamente pelo impulso irresistivel de tal força, se presta hoje a homenagem em que vemos associadas todas as energias intellectuaes da terra portugueza.

A memoria de Herculano tem já o seu padrão erguido no Mosteiro dos Jeronimos; mas a praça publica continúa a reclamar a sua estatua, marmore ou bronze, preto da nação a um dos mais altos vultos, monumento onde avultasse «a fronte pensativa e a face austera» do grande escriptor, grande patriota, grande luctador — o Mestre!

JOÃO PRUDENCIO.

O centenario de Herculano

«O grande espirito de Alexandre Herculano, que para levantar a historia portugueza teria de empregar como alavancas todos os monumentos do passado existentes em Portugal, foi, como naturalmente devia ser, quem por elles despertou, nos seus contemporaneos, o sentimento do respeito devido.»

RIBEIRO ARTHUR — *Arte e Artistas Contemporaneos*, 2.ª serie.

Permittam-me os leitores que transcreva, na integra, o seguinte artigo dado á estampa no numero 2923 (5789) do jornal *O Dia*, correspondente a terça-feira, 7 de dezembro de 1909:

«O nosso velho amigo sr. Gomes de Brito, erudito investigador, que varias vezes tem enriquecido as columnas d'este jornal com interessantissimos artigos seus, associa-se tambem á apothese centenaria do Mestre, de quem teve o invejavel prazer e a grande honra de ser discipulo, conservando até agora a mesma veneração e o mesmo respeito que lhe consagrara durante a sua existencia. Eis a carta que a tal respeito se dignou dirigir-nos e na qual vemos com infinito prazêr recordado o que n'este mesmo jornal escreveu Gomes de Brito sobre a celebração do centenario de Herculano, no seu brilhante artigo de 3 de julho de 1906:

Meu presado amigo Moreira d'Almeida

Cumpra-me agradecer-lhe a muito honrosa referencia que v. se dignou fazer no *Dia*, de hontem, ao meu nome obscuro, e á parte que v., como meu provado amigo, exprime o desejo que eu haja de tomar parte na proxima futura-apothese do Mestre.

Porque vem a ponto, permitta-me v. lembrar que, tendo tido a honra de publicar no seu jornal n.º 1:923 (4:796), correspondente a 3 de julho de 1906, algumas considerações, ácerca do nascimento de Alexandre Herculano, as rematei com o seguinte periodo:

— Que o povo de Lisboa, pois, se lembre que

em 28 de março de 1910 se completarão cem annos que nasceu dentro d'ella o auctor egregio da Historia de Portugal —.

Ficou desde aqui implicitamente feito, como se vê, o convite para a celebração que se projecta, e ao *Dia* ficou, por igual, cabendo, como tanto estimo, a prioridade no lembrar, e com toda a antecipaçao que a data patenteia, a conveniencia de se pensar na celebração d'este centenario, que tanto importava a Lisboa não esquecer.

Por extremo folgo, como v. bem comprehendirá, que o — Povo de Lisboa — haja em fim alcançado, dentro e fóra da capital do reino, ao cabo de mais de tres longos annos, e tambem á falta de mais directa e natural — direi até — legal e legitima iniciativa, quem se quizesse encarregar da celebração centenaria do cidadão illustre que tanto se vanglorisava de vir do Povo, que tanto se afadigou por esmerilhar-lhe as origens, e tanto quiz, em summa, — ficar com o povo, até á morte —, segundo as proprias expressões, por Herculano firmadas, em carta particular que está presente.

E já agora, se v. m'o permite, aproveitarei a sua bondade, para mais uma lembrança. Projecta-se para o proximo futuro 28 de março, segundo leio, a collocação de uma lapide commemorativa — na casa do pateo do Gil, onde Herculano nasceu —.

Tomo a liberdade de lembrar que a — casa que hoje se vê sobre o grande portal que tem aquelle numero (o 458, da rua de S. Bento) — não é aquella em que elle nasceu, e em que foi creado. Essa ficava mais a dentro do Pateo (do Gil) e foi destruida, quando se fez a casa nova.

Taes são as expressões empregadas por Xavier Rodrigues Cordeiro, na biografia de Herculano, publicada (em 2.ª edição) no *Almanach de Lembranças* para 1879.

Será bom ter em vista estas circumstancias, para a redacção epigraphica da projectada lapide, podendo-se com facilidade adoptar expediente semelhante ao que se praticou em Paris, para assinalar o sitio onde esteve a casa em que falleceu Molière:

— *Maison battie sur l'emplacement de celle où Molière est mort, le 17 février 1673* —.

Declaro que cito de memoria, tendo perdido o nome da rua de Paris onde, ha trinta e tres annos, vi esta lapide.

Em summa, e para terminar, com toda a satisfacção declaro a v. que tenciono, com effeito, associar-me á — apothese do Mestre —, pelo unico modo que me é possivel: — publicando no dia 28 de março de 1910 algumas impressões do que para mim foi o coração affectuoso do Grande Escriptor portuguez e lisbonense, como v. e eu o somos, e que se chamou *Alexandre Herculano*.

Abraça-o, meu presado amigo Moreira d'Almeida.

O seu Verd.º obrig. am.º e adm.

Gomes de Brito.»

E' interessante a carta que acabo de transcrever, sob todos os pontos de vista e tanto mais, quanto é certo haver o seu vernaculo auctor privado na intima convivencia do immortal historiadore; mas, acima de tudo, moveu-me a transcrevê-la o facto de desejar tambem accentuar para o OCCIDENTE, a parte que lhe compete em iniciativa de homenagens ao inconfundivel vulto da nacionalidade portugueza.

Esta revista encetou a sua publicação no dia 1.º de janeiro de 1878, consagrando o seu primeiro numero a Alexandre Herculano, cujo retracto, deversas primoroso, honrou e illustrou a pagina de abertura.

Posteriormente, a mesma revista, commemorando o seu vigessimo-quinto anno de existencia, em janeiro de 1902, reproduzia a nobre effigie do venerando ancão com que tinha inaugurado o seu cyclo de publicidade.

E não se limitou por ahi, deu á estampa outro retrato de Herculano, sempre no logar de honra, em setembro de 1904, acompanhado de artigo allusivo ao passamento, occorrido aos 13 dias de igual mez, no anno de 1877, em Val-de-Lobos, não longe de Santarem.

Sob o titulo: *Um centenario proximo* — ainda inseriu a revista O OCCIDENTE, um artigo inspirado pelas conceituosas palavras de Gomes de Brito, já aqui transcriptas e n'elle trasladadas:

«Que o Povo de Lisboa, pois, se lembre que em 28 de março de 1910 se completarão cem an-

nos que nasceu dentro d'ella o auctor egregio da Historia de Portugal.»

Este ultimo artigo sahi a lume no n.º 1001, de 20 d'outubro de 1906, e é datado de setembro em que teve a honra de escrevê-lo quem firma as presentes linhas.

Fechava o com este assérto: O povo é juiz, juiz de vivos e de mortos.

Posto isto, adiante.

Quem era Alexandre Herculano?

A'quella em quem senti os carinhos e affectos maternas que de outrem não recebi, a minha fallecida e veneranda tia, D. Theresa de Noronha, por mais de uma vez ouvi falar com respeito do homem typico, digno e austero que ella conhecera no tempo em que na Ajuda, fôra oraculo de mancebos no animo dos quaes calava a sua lição profunda e attrahente, pertencendo ao numero dos que o escutavam o seu e meu parente, Marquez de Sabugosa, a dormir, a dormir tambem agora na loisa inerte!

Estava em Anadia, quando a morte salteou o beneditino obreiro da historia patria, e foi n'essa localidade que, mais tarde, li, pela primeira vez, trabalhos do Mestre.

Recordo-me perfeitamente que encetei o meu conhecimento com a prosa tersa, incisiva e clara de Herculano, pelo opusculo famoso — *Eu e o Clero* — que então me facultou por emprestimo, o escrivão de direito d'aquella comarca, Virgilio Zuzarte de Freitas Abreu.

Herculano teve por berço a capital, no anno da 3.ª invasão franceza, a signalado brilhantemente para as nossas tropas, na altura do Bussaco.

O documento comprovativo do seu nascimento, reza assim :

«Certifico que vendo os livros dos baptismos n.º 15 a folhas 172 v., encontrei o assento seguinte: Em 30 de abril de 1810, baptizou solemnemente o rev. coadjutor José Gonçalves Ferreira a Alexandre, filho de Theodoro Candido de Araujo e de Maria do Carmo São Boaventura, na ermida das casas da sua residencia, na rua de S. Bento, por despacho de Sua Eminencia, e nasceu em 28 d'este mez. Foram padrinhos Luiz Herculano de Carvalho e D. Maria Antonia de Ornellas, tocou seu marido Caetano Jorge Rodrigues, e foram os paes do baptisado recebidos em São Mamede. O coadjutor, José Gonçalves Ferreira. Está com forme. Santa Isabel, 23 de fevereiro de 1906. O coadjutor, padre Heitor Olympio Dias Antunes.»

Conforme os leitores devem ter notado, ha no documento precedente um defeito erroneo quanto á data do nascimento, que foi em 28 de março e não um mez depois, como se exara no documento alludido.

A este proposito andou travada na imprensa periodica uma curiosa discussão, sempre conduzida de luvá branca, entre o citado escriptor Gomes de Brito e G. de Mattos Sequeira, ambos investigadores estudiosos e ambos provados nas columnas d'esta revista por collaboração intelligente e erudita.

A data de 28 de março permaneceu a limpo com a maxima nitidez de authenticidade plena, sem o minimo desdoiro e sem a minima prégá para qualquer dos contendôres.

De Herculano, felizmente, não poderá o futuro hesitar e forjar como ácerca de Camões, que, ao certo, ninguem sabe dizer onde lhe repoisam as cinzas!

Emigrado, por ser um espirito liberal; soldado valoroso de D. Pedro 4.º, que ajudou a firmar; dilecto de D. Po.iro 5.º, que lhe não desconheceu o merito enorme, tudo isto está na consciencia publica e mais a sua jazida provisoria no tumulo do general Vieira Gorrão, no cemiterio da Azoia, e a trasladação do precioso cadaver para o sarcophago do templo dos Jeronymos, em Belem, onde o verbo eloquente do finado orador Alves Mendes, produziu em 28 de junho de 1888, n'essa precisa occasião, a mais perfeita e arrebatadora das suas orações sagradas!

Restava prestar ao maximo entre os nossos illustres, depois do épico dos *Lusíadas*, o culto apotheoico devido pela gratidão dos povos á memoria ingentissima dos seus luminares grandiosos.

E' isso que se prepara n'este momento, com adhesão unanime de todos os elementos vivos de Portugal contemporaneo. Nem á luz de esplendor deslumbrante d'este seculo, na hora de civilização que atravessamos, seria compativel e perdoadavel outra manifestação e outro procedimento.

Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo vinculou-se, pela verdade e pelo trabalho herculeo do gigantesco edificio da *Historia*, ao amor integral dos corações portuguezes, hontem, hoje,

como amanhã. Se a patria, cujas origens descortinou, fixou e illuminou para todo o sempre houver de perder, através das idades, a autonomia que lhe cimentou Affonso Henriques por actos de heroica bravura e com testemunhos altioquos do seu proprio sangue derramado na defesa do nascente Estado, a elle e a Camões deverá o não morrer para os seculos, o não se apagar ou expungir inteiramente dos registos da fama e dos annaes do mundo o estremecido nome que a bandeira azul e branca symbolisa e ostenta!

Ha, na obra insigne do insigne Herculano, uma pagina de louvor preeminente e de auscultação pacientissima e proficientissima da alma popular, — a que se refere aos municipios, mascula e bella instituição que a insensatez de politicos perfidos, interesseiros e egoistas crucificou em um calvario de vergonhas, prejudicando o povo trabalhador, prejudicando-se a si proprios!

O segundo livro do Mestre que percorri com avidéz foi a *Harpa do Crente*, seguindo-se-lhe o *Eurico*, a *Historia de Portugal*, o *Bôbo*, o *Monge de Cister*, e os demais.

Conheço artigos seus dispersos, não muitos, e a celebre collecção da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por elle dirigida magistralmente, *Portugaliae Monumenta Historica*, onde foram aproveitados muitos pergaminhos entregues pela Universidade de Coimbra a Herculano, quando o inimitavel caboqueiro, cinzelador e burilador da historia realçou a sua fecunda e util colheita de manuscritos do passado, para mais consoante archivo estavel.

De Alexandre Herculano muitas individualidades se teem occupado no campo da critica litteraria e philosophica, todas concordando no apreço do historiador que, sendo o mais distincto entre nós, conservaria a mesma linha de primeira plana em qualquer paiz de pujança intellectual superior, embora avultassem lá numerosos Mommsens!

Ainda quando Herculano apenas houvesse constituido a sua herança e a sua bagagem litteraria simultaneamente, com os quatro volumes da *Historia de Portugal*, suppondo até uma e a outra d'estas cousas reduzidas simplesmente ao quarto volume, ainda assim esse unico volume revelaria um cerebro não vulgar e tão só por elle haveria o auctor conquistado por legitimo titulo a celebração pelos municipios do seu dia centenario.

Restituir ás municipalidades os seus direitos abatidos, chamar as populações á consciencia pundonorosa das suas edilidades, respeitar a livre escolha dos cidadãos em cada concelho, esta seria a maneira mais nobre e mais logica por parte do Governo, de contribuir com extremado patriotismo para o maior brilho da solemne apothose de que poucas horas nos separam!

Não correm perigos, não perichitam os governos dos povos e as instituições que os regem, quando o character prudente e a energia honesta servem aberta e sinceramente o interesse publico, a suprême causa nacional.

Pelo contrario, surge a indisciplina, baralham-se e confundem-se os serviços, perdem-se dias, mezes e annos consecutivos, quando os homens servem os homens, saltam por cima dos principios e multiplicam as centralisações ruinsas!

E' de casa o exemplo triste, e, com certesa, não cooperou para a nossa situação deprimente e de decadencia aquella que aconselhou: «que, ao passarmos pelo pallido e carcomido portal da igreja de Santa Cruz, vamos saudar as cinzas d'aquelle homem, sem o qual não existiria hoje a nação portugueza, e, por ventura, nem sequer o nome de Portugal».

Os estudantes de todas as nossas escolas e institutos merecem n'este logar um applauso caloroso e entusiastico, pela fórma correcta e despretenciosa como abraçaram a idéa do centenario e teem sabido avolumal-a, imprimindo-lhe o cunho característico e alegre das suas idades juvenis e risonhas de esperança e de sonho.

Os seus esforços e boa vontade não são elemento de somenos importancia moral e civica, na imponente cruzada de nova especie, que tem por fim collocar a primeira corôa triumphal da posteridade na galeria em que a principal figura de destaque é a do grave lisbonense, que se chamou Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo!

E agora, para concluir, diremos com Mendes dos Remedios, na *Historia da Litteratura Portuguesa*:

«Com elle perdeu a península iberica o seu primeiro, o seu grande, o seu unico historiador, de quem pôde dizer-se, sem lisonja, que reunia a elegancia de Xenofonte á energia de Sallustio, e a concisão de Tacito á imparcialidade de Polibio.»

D. FRANCISCO DE NORONHA.

A proposito do Centenario de Alexandre Herculano

Quando vi concluida a impressão do tomo II das minhas *Memorias de um jornalista (Factos e homens do meu tempo)*, tive o cuidado de avisar-me com o meu bom amigo sr. José Manuel da Costa Basto (actualmente aposentado do logar de director do Real Archivo da Torre do Tombo, que exercera com suprema distincção), para que elle conhecesse o meu humilde trabalho. Ahi o citava pelos serviços que prestára com tão profundo amor filial a Alexandre Herculano nos ultimos dias da sua existencia e o parecer delle tinha para mim a importancia da confirmação de algum facto, que, passados muitos annos e á fa'ta de apontamentos que não tomára, não o expuzesse com verdade.

Interrogado a esse respeito, acudiu com resposta que me tranquillizou, dizendo-me que não me enganára nos pormenores essenciaes, dando-me outros em addicamento que me satisfizeram plenamente e de que me servi para outro artigo com que, a proposito do centenario de Alexandre Herculano, concorri para o trabalho dos estudantes de Coimbra e será agora impresso.

Mas eu não me contentei com o que averiguára. Deparando-se-me depois o sobrinho e testamenteiro, meu illustre amigo, João Galhardo, lente jubilado da Escola Naval, interroguei-o tambem ácerca da vida do egregio historiador e do que escreveram delle varios biographos e panegyristas e ouvi esta resposta:

— Ha pontos obscuros na vida de meu tio, que os biographos e criticos não conseguiram deslindar, mas que eu conto escrever com clareza e exactidão. Não deixarei no escuro minucias para que a luz seja feita sobre factos que em nada desmerecerão o alto conceito em que todos o devemos considerar. Essas falsidades relativas a Herculano ralam-me.

— Quando apparecerão tão preciosos elementos da sua elegante penna? tornei.

— Logo que tenha colligido os meus apontamentos, mas demorarão algum tempo. Sinto-me cansado, aborrecido e muito doente. O que puder escrever ou servirá de introducção a alguns dos volumes dos opusculos, que estão na forja, ou dará materia para um tomo em separado e não será dos menos lidos. Tenho vontade de rectificar alguns factos referidos com inexactidão grave e que ainda não consegui apurar.

Trocámos ainda algumas palavras affectuosas e saudosas com relação ao fallecimento do egregio historiador e separámo-nos, offerecendo-me Galhardo a sua casa.

— A minha casa ainda é na rua da Palma. Receberá noticias minhas.

Não vieram, infelizmente.

Passados dias, li nos periodicos a noticia do fallecimento do illustre lente João Galhardo, por tal signal acompanhada de singelos, escassos e incompletos dados biographicos. Nem uma palavra sequer referente ao trabalho que lhe havia dado a impressão dos preciosos tomos dos opusculos com as interessantes notas, que os enriquecem, após o obito de Alexandre Herculano; nem relativos a quaesquer inéditos que fôsse necessario divulgar. Só li no *Diario de Noticias*, ao que me lembra, um breve registo desse lutooso facto, mas sem outros esclarecimentos porque não os tinha naquella occasião o redactor que escrevera a noticia.

Em vista da sã consciencia com que fazia os seus trabalhos, do parentesco que o ligava a Alexandre Herculano, do affecto que lhe dedicava, das confidencias de que seria certamente depositario, e da arrecadação e exame do seu espolio scientifico e litterario, que lhe coube no testamento do tio e mestre de todos, era natural conjecturar-se que a nova obra biographica que o illustre professor João Galhardo confessára que escreveria para elucidar pontos não perfeitamente conhecidos da biographia de Alexandre Herculano, ficaria senão completa, quando menos em notavel adeantamento e em termos de entregar-se ao beneficio do prelo, salvando-se desse modo de perda lastimosa e irreparavel.

Assim se ampliaria o formoso livro que o conselheiro Antonio de Serpa Pimentel consagrara ao mestre sob o titulo *Herculano e o seu tempo*.

Sabia que João Galhardo, na introducção do tomo X dos *Opusculos*, se denunciara. No final, a proposito da grave questão que incommodára Herculano quando sahiu da sua brilhante, fogosa, viril e conscienciosa penna a *Historia da Inquisição*, escrevera (pags. VIII e IX):

«Igualmente ligada ás graves questões que te-

Centenario de Alexandre Herculano

mos apontado e uma outra singularmente notavel, estava desde muito discorrendo... Mas tão longa, complexa e cortada de incidentes ella foi, que a sua narrativa não caberia no estreito espaço de que nos é licito dispôr para estas advertencias. Temos, pois, de a deixar adiada para oportunidade e logar em que possamos expô-la com a clareza que requer, por ser um dos episodios mais notaveis da época em que succedeu e o mais impressionante da tempestuosa vida do nosso historiador.»

Confiando, portanto, em que podia conseguir algum subsidio valioso acerca do manuscrito inédito, indaguei na antiga livraria editora Bertrand, successora a firma José Bastos & C., que adquirira dos herdeiros de Herculano o direito da reprodução das suas obras, e o proprio sr. José Bastos, meu amigo, me assegurou que, entrando na averiguação do que existiria para a prosecução da impressão dos opusculos e quaesquer inéditos que viessem a incorporar-se em tão importante serie de publicações, os herdeiros do illustre professor João Galhardo nada tinham informado com referencia ao que este desejaria escrever, pois apenas sabiam que ainda estava revendo e apartando algumas cartas, artigos e outros elementos de valor, para mais dois ou tres tomos dos ditos opusculos, mas não lhes falára ainda de pôr em ordem ou de revêr quaesquer apontamentos que porventura tivesse para a biographia de Herculano.

Esta noticia desgostou-me. Tinha a convicção, pelo que me dissera o meu honrado e illustre



TUMULO, NO ADRO DA EGREJA DA AZOIA, ONDE PRIMEIRO REPOUSARAM OS RESTOS MORTAES DE ALEXANDRE HERCULANO

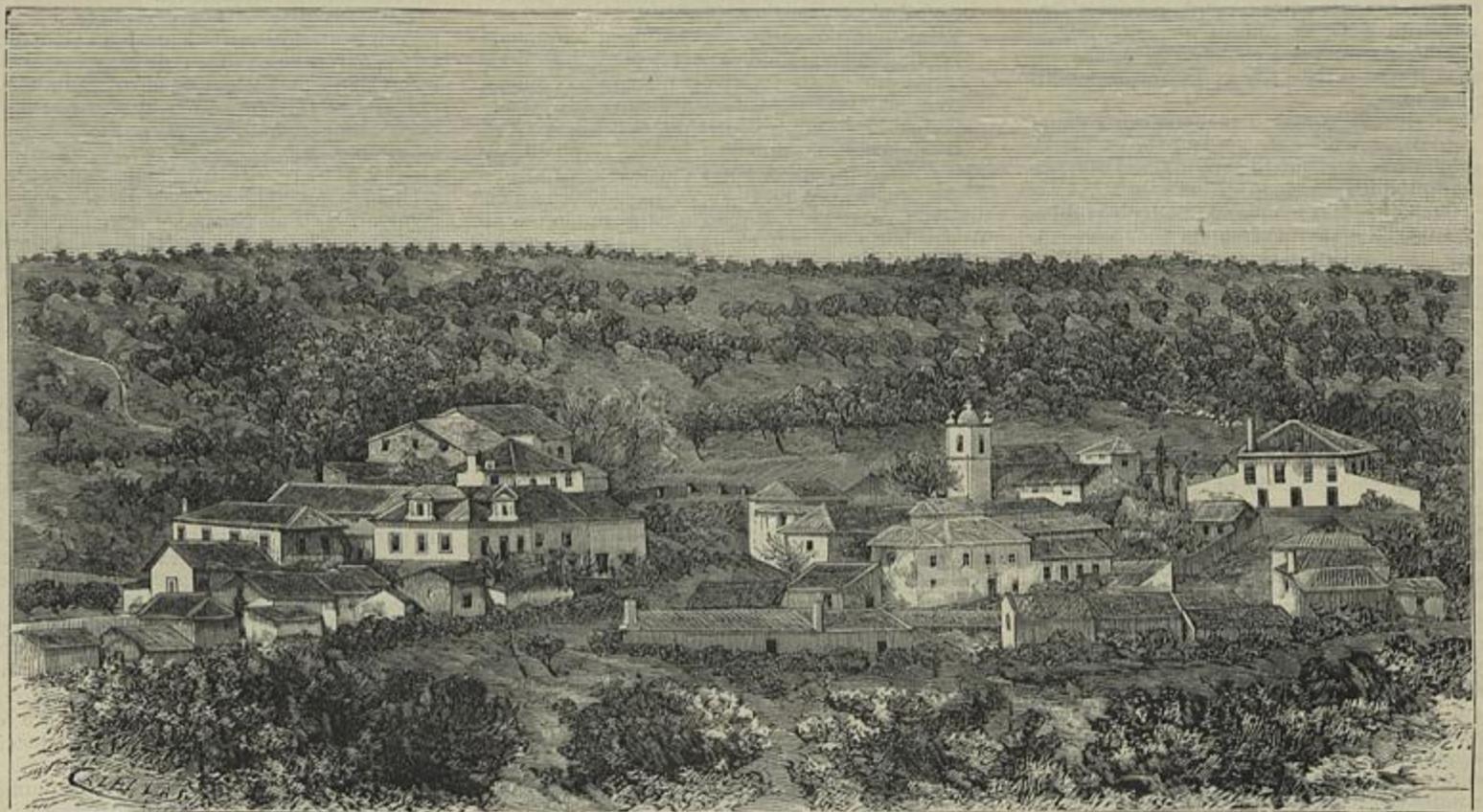
amigo, sobrinho e herdeiro de Herculano, e na confiança plena na sua intelligencia e no seu zelo de investigador, de que o fallecido João Galhardo nos deixaria algumas paginas sobremodo preciosas para a biographia do egregio historiador, que tão amargos dias passára na vida, que soubera lutar e vencer gloriosamente, de adversarios, inimigos e invejosos, que o assaltaram com aspereza quando vivia, mas que o encontravam prompto para o combate e mais ousaram agredir-lo depois de morto, e ainda nesta solemne hora não descansam em febril insidia quando a nação inteira se ergue para o glorificar!

Os applausos acariciadores e lisongeiros, que recebeu com justiça por muitos annos, em vista do seu character austero e do seu coração sensível, nunca lhe suavisariam, por sem duvida, as dôres infindas e crueis com que pretenderam martyrisar-lo porque a luz vivissima que elle derramava a flux os deslumbrava!

Illudi-me! Triste desengano.

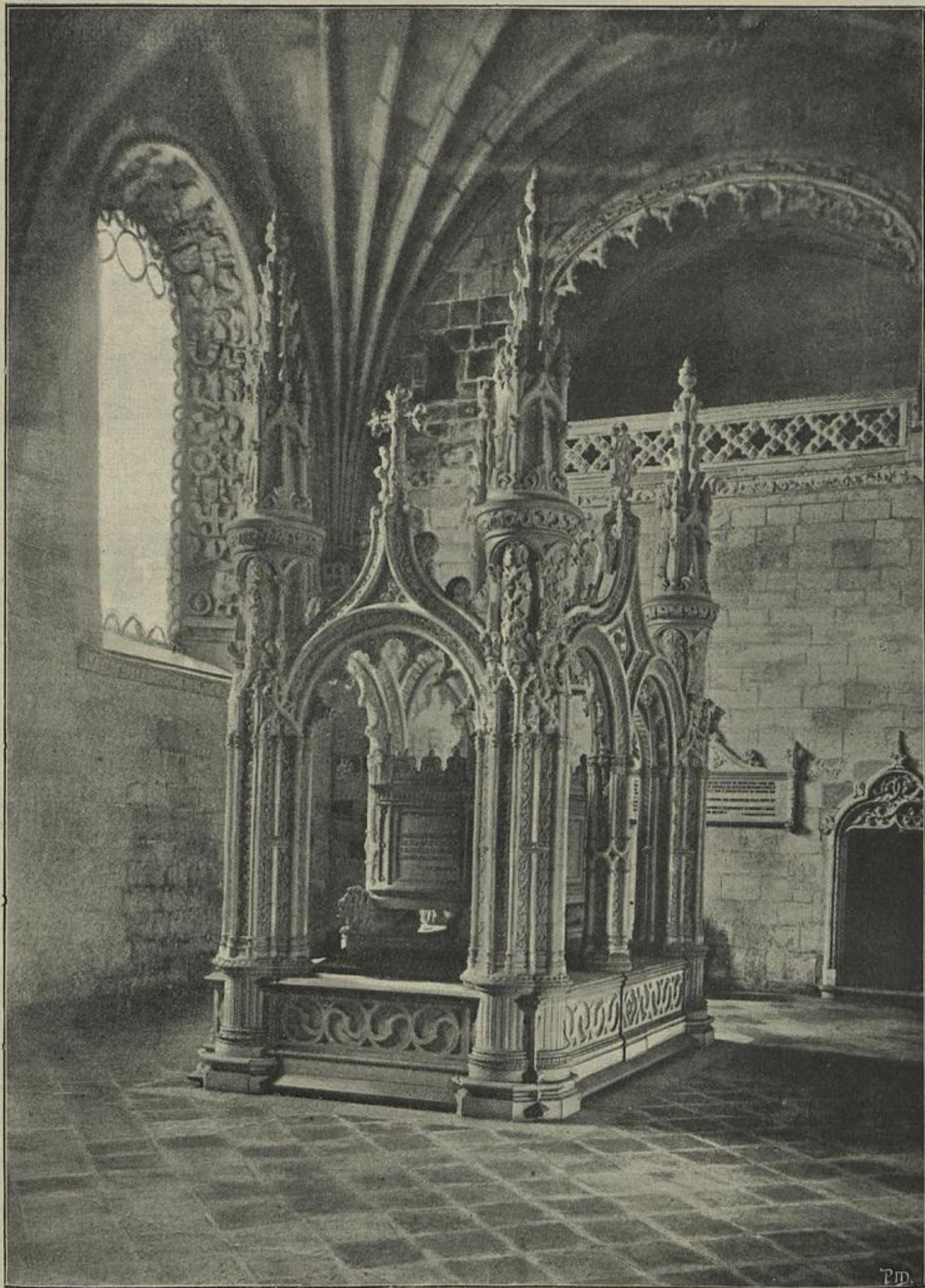
Para mim este desengano é tanto mais pungitivo e dilacerante quanto é certo que penso e sinto com Antonio de Serpa, jornalista e poeta como elle e com elle entrando em pugnas acezas e acerbas num periodo de lutas intestinas, em que os dois se empenhavam com fervor patriótico e valentia. Antonio de Serpa remata o seu encantador livro, que citei já, com estas palavras memoraveis:

«Tres seculos depois da morte de Camões morre Alexandre Herculano. Neste longo intervalo não ha um só nome em



POVOAÇÃO DA AZOIA DE BAIXO DONDE FORAM TRASLADADOS OS RESTOS MORTAES DE ALEXANDRE HERCULANO PARA O SEU MAUSOLEU NO MOSTEIRO DOS JERONIMOS, EM 28 DE JULHO DE 1888

Centenario de Alexandre Herculano



MAUSOLEU ONDE REPOUSAM OS RESTOS MORTAES DE ALEXANDRE HERCULANO, NA CAPELA TUMULAR DO MOSTEIRO DOS JERONIMOS
(Fotografia Rocchini)

Portugal que aos dois se possa igualar. Estes dois nomes sós dão uma litteratura e uma nacionalidade.» (Pag. 220).

Deste modo se justifica, superiormente, o centenario do egregio historiador levantando-o á altura do de Luiz de Camões, o assombroso cantor dos *Lusíadas*!

Lisboa, março de 1910.

BRITO ARANHA.

Antonio de Serpa Pimentel e Alexandre Herculano

Alguns annos depois da morte do egregio historiographo, o illustre escriptor, poeta e estadista, o conselheiro de Estado Antonio de Serpa Pimentel dava á estampa um livro importante e interessantissimo sob o titulo *Alexandre Herculano e o seu tempo*. E' trabalho de alta valia não só pela belleza e fluencia do estylo, mas tambem pela boa critica na apreciação das obras do mestre e na apresentação e defesa do seu character, considerado em todas as phases da sua vida não isenta de contrariedades, ralações e desillusões.

Pela singela enunciação das principaes partes, trechos ou capitulos em que se divide esse livro, se avaliará a sua importancia, e pela elevada estatura do seu auctor se conhecerá que não póde deixar de prender a attenção dos estudiosos. Na opinião da pessoa que escreve estas linhas, foi o trabalho critico mais completo, mais perfeito e mais justo, que saíra até então dos prelos portuguezes concernente a Herculano e á sua gigantesca obra.

Antonio de Serpa Pimentel considerou o egregio mestre como litterato, poeta, historiador, periodista, jurisconsulto, polemista e economista, e até o aprecia na sua vida particular, dando-nos alguns traços característicos nas suas afeições e nas suas antipathias, mas sempre guiado pelos sentimentos mais nobres e pelo mais puro amor á patria e á liberdade, de armas bem temperadas contra os falsos e hypocritas que o caluniam e malsinavam.

Nem a indole da nossa revista O OCCIDENTE nem a escassez do espaço de que dispomos, não nos permittem transcrever nestas paginas algumas notas das mais sympaticas e suggestivas do livro de Antonio de Serpa Pimentel, mas não queremos furtar-nos ao desejo de reproduzir algumas linhas de tão bello trabalho e brindar com ellas os leitores neste numero dedicado como preito á memoria gloriosa de Alexandre Herculano.

Vamos copia-las das ultimas paginas do livro, que se referem á vida particular do mestre, escriptas por quem, como se sabe, viveu na intimidade do excelso historiador. Leiam-se:

«Não escrevemos a biographia de Alexandre Herculano; tentámos apenas um estudo das suas obras e das suas opiniões. Os factos da sua vida particular nada teem de commum com o nosso trabalho. Todavia foi essa vida tão simples e immaculada, e foi tão grande a influencia do character do auctor sobre a sua obra, que alguns leves traços d'essa vida intima, servindo para melhor avaliar o character do pensador e do homem publico, não deixaria aqui de ter cabimento.

«Mais de uma vez dissemos que Alexandre Herculano era affectuoso, e que era rude e impetuoso ninguem o ignora, elle o confessa, e mais do que elle o denunciavam muitos dos seus escriptos. Estas qualidades que parecem contradizer-se muitas vezes se reúnem, e em subido grau, no mesmo individuo. Alexandre Herculano prezava nos outros os dotes da intelligencia e ainda mais as qualidades nobres do coração e do character. Para esses era sempre affectuoso. Mas sincero, sensível, apaixonado, se alguma vez reconhecia que se tinha enganado, não o encobria. Discutia com a maxima placidez, na imprensa ou de viva voz, com qualquer individuo, quando via, ou quando julgava que o seu contendor era sincero; mas quando o suppunha de má fé ou movido por intuitos pouco nobres, a ironia, o sarcasmo, a apostrophe exaggerada safam-lhe impetuosas e violentas, e d'ahi vinha a persuasão de muitos que o não conheciam familiarmente de que elle era homem de duro trato.

«A verdade era a paixão de Herculano, e a esta deusa sacrificava tudo. Bello e nobre defeito! Por isso elle ás vezes era rude no meio das convenções sociaes e politicas, quando ellas representam a negação da verdade. Mas todas as pai-

xões, por mais nobres, conduzem á exaggeração, que dá relevo e calor ao estylo, mas que leva a ultrapassar os proprios limites da verdade que se preza. Foi o que aconteceu a Herculano em algumas das suas polemicar. Elle teve o talento de o reconhecer, e a virtude de o confessar em publico. Na vida intima, a sua franqueza era a mesma. E como o seu espirito era cultivadissimo, o seu trato entre amigos era tão singelo como agradável.»

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL.

Alexandre Herculano, Agricultor

O Egregio Português, de quem hoje a Nação sua compatriota celebra o Primeiro Centenario, não foi só o inspirado Poeta das pias creanças christãs, o auctor da *Semana Santa*, do *Mosteiro Deserto*, da *Cruz Mutitada*; o traductor vernaculo do *Hymno de Ramos*. ALEXANDRE HERCULANO não foi só, com effeito, o espirito profundo que pensou e produziu toda aquella poesia saudosa e mystica da sua juventude, e até de seus mais adiantados annos; attestado irrecusavel da alma christianissima que animava o futuro defensor dos tristes espoliados egressos, o protector compadecido das desvalidas e esquecidas monjas laurbanenses.

O Grande Coração de Patriota estreme que levantou um brado «a favor dos Monumentos Patrios» não foi só o romancista que tão bem soube identificar-se com os segredos da Natureza, descrevendo-lhe com mão de Mestre as prodigiosas manifestações. Não foi só aquelle mago escriptor que pintou, em *Eurico*, o melancholico espectáculo do pôr do sol do Estreito, e a lucta crepuscular, esvaindo-se no pavoroso negrume daquellas noites fatidicas de Carteia. Não foi só o que descreveu o horrído fragor das torrentes, precipitando-se furiosas, através as penedias, salvando precipícios e alastrando-se pelas planicies, até se engolfarem no mar. Não foi só o que tão bem imitou o medonho trovejar das tempestades, reproduzindo o horroroso embater dos combates; nem só o que teve alentos para estampar o terrível fragor das batalhas em tantas paginas bronzes, de sonora e onomatopaica linguagem!

A seu nuto rugiam, é verdade, as procellas no espaço, como devastaram a alma de tantos dos seus esculpturaes personagens, que elle animou com o sópro potente da sua privilegiada imaginação. Pelo seu só querer, com effeito, se desencadeiam os ventos, abatendo com a furiosa violencia dos furacões, as arvores seculares das florestas, tal qual a dúvida, de que elle tão bem descreveu os tristes, inquietadores effeitos, devasta a alma dos pensadores e dos philosophos, debruçados á beira do abysmo, no fundo do qual só existe o nada! E com a mesma facilidade com que os repellões da ventania arrancam da terra, joeirando-os nos ares, os arbustos humildes que vegetam pelo escampado das clareiras, e pela orla dos bosques selvaticos, assim o seu braço possante levanta as marmoreas lageas sepulcraes, e acordando do seu eterno somno secular os reis e os principes, os nobres e os poderosos, e insuflando-lhes nova vida, os espalha, quaes titeres, a seu só impulso movidos, pela scena do mundo que já habitaram, enchendo-o com o espectáculo de suas boas acções ou de seus crimes, e com o supplice bradar de seus remorsos, ou a lava de suas lagrimas candentes.

Tampouco foi só ALEXANDRE HERCULANO o historiographo severo das crueldades que teceram a téla sanguinosa, sobre a qual se repintam, com sinistra luz, sinistras côres, as scenas horrosas do nefando Tribunal que fabricava delinquentes nos potros e polés, para augmentar com elles o cannibal repasto dos Autos de Fé. Tampouco foi só o historiador vivaz das Origens da patria nacionalidade, e das fontes do direito publico nacional, que a influencia das escolas de Bolonha e de Pisa deviam afogar.

ALEXANDRE HERCULANO foi mais alguma cousa do que tudo isto; — foi o Agricultor apaixonado que poz ao serviço da mais importante das nossas questões de administração geral interna, — a da *agricultura patria*, os recursos da sua poderosa intelligencia, aliados á predilecção que lhe mereceu sempre a poesia dos campos, de todos os generos de poesia o que para nós, portuguezes, tem o duplo merito de casar o util com o agradável.

A quem, senão a ALEXANDRE HERCULANO, se

devem, com effeito, as primeiras tentativas de vulgarisação agronomica, de que, após a guerra fratricida da Liberdade contra o Despotismo, espoliador dos campos, se intentou popularisar entre nós o gosto? Não foi a Elle, não foi, porventura, a ALEXANDRE HERCULANO que seus compatriotas ouviram, pela primeira vez, depois de 1834, chamar-lhes a attenção para a *Agricultura Nacional*; para o que ella estava sendo, e para o que podia ser?

Presidente da Camara Municipal de Belem, de onde a tréda politica o obrigou a sair, e a seus dignos collegas, não foi ALEXANDRE HERCULANO quem primeiro pensou no instituir-se uma Caixa de credito agricola, «especie de banco rural», como elle proprio a definiu, que assegurasse, no concelho de sua esclarecida administração, allivio certo á agricultura, ameaçada de imminente desastre?

Quando, em 1856, se começou a debater no Parlamento a magna questão dos vinculos, quem fez o quadro do que era a agricultura portugueza desses calamitosos tempos, e quem melhor e mais ao vivo, como quem a fundo lhe conhecia a angustiosa e difficil situação, a pintou, a descreveu e a discutiu e esclareceu, senão Elle, senão ALEXANDRE HERCULANO?

Dezenove annos depois, em 1875, surge a questão da *Emigração*.

Nascera esta questão mal conformada, visto como as premissas em que assentava estavam longe de serem exactas. As conclusões, pois, não podiam senão sahir erradas, não se deduzindo, como parecia, ou se fazia parecer, da verdade dos factos. Partia-se do convencimento, ou real ou suppositicio, de que as difficuldades com que luctava a agricultura nacional procediam tão só da falta de braços. Daqui, como consequencia, a elevação dos salarios. Propunha-se, pois, o obrigar o proletariado rural a permanecer na patria, e lembrava-se emprega-lo, vejaml em colonisar o Alemtejo. Tal tem sido a eterna preocupação dos que teem vóz nestas questões, mas se limitam a discretear sobre ellas, sem se importarem de saber, por exemplo, como é que a Hollanda funda provincias sobre os pantanos do Zuizerdê.

A liberdade individual era, pois, sacrificada ás conveniencias de certa classe preponderante, e o velho brocardo romano tinha sua applicação, mas ao inverso. — Não era o «*salus populi*», era a conveniencia e o interesse de quem lhe convinha explora-lo, que haveria de constituir a suprema lei!

HERCULANO, agricultor, e revolucionario de uma das mais valiosas industrias campestres do paiz, por seculos enfeudada á rotina, que Elle tanto combateu, HERCULANO, sollicitado a dar o seu parecer, começou, ao abrir da primeira das suas celebres «*CARTAS*», pelo repudio das premissas em que assentava o *Questionario* que lhe fôra, dirigido. Propondo-se provar que o problema se pusera mal, chamou para logo a attenção dos interessados para as causas verdadeiras dos mal entendidos phenomenos economico-agricolas, a que se buscava errada solução.

Não seguiremos o Illustre Escriptor, em seus tão profundos quão luminosos raciocinios. As suas «*CARTAS*» são o perfeito epitome do profundo conhecimento que elle tinha do seu paiz e da sua maneira de ser; dos vicios organicos que se oppunham ao seu desenvolvimento agricola, entre os quaes o primeiro, a falta de instrucção, geral e especial.

Entrando, como era seu proprio costume, na analyse pormenorizada das causas do nosso atraso agricola, definiu as todas. Denunciou o incompleto, o imperfeito e o deficiente dos processos empregados rotineira, e inintelligentemente. Notou a falta de gados, tão necessarios á copia de estrumes, sem a qual a cultura dos cereaes, um dos tres unicos recursos do nosso solo aravel, não prospera. Apontou a falta ou a miseria das pastagens e a sua insufficiencia, a indifferença com que se deixam correr para o mar os nossos rios e ribeiras, sem lhes aproveitar o volume aquoso. Pronunciou-se contra as tristes rotações biennaes e triennaes, em que raramente figuram as hervas de fouce, e chamou a attenção dos interessados para a falta de arte, com que se acode ás insufficiencias da natureza, no tocante á alimentação dos animaes. Propugnou a generalisação dos prados artificiaes, e levantou-se com vehemencia contra os baldios, «um dos mais graves embaraços ao progresso da agricultura».

Não é para um singelo artigo commemerativo o innumerar tudo quanto se contem neste *Evangelho do Agricultor*, que se chama «*CARTAS SOBRE A EMIGRAÇÃO*», e se applica a examinar os vicios, os erros, as imprevidencias e as contingencias de que padece e a que está sujeita em

Portugal a industria das industrias —; a agricultura nacional.

Do mesmo modo, não é para uma summaria revista o apreciar cada uma das «*CARTAS SOBRE A EMIGRAÇÃO*». Baste lembrar que ahi, onde se verberam os erros commettidos pela ignorancia de nossos agricultores, ahi onde se condemna o *absenteismo*, que é uma das causas do definhamento agricola, ahi onde se combate a immoderada queda que o agricultor proprietario alimenta para se arredondar, com prejuizo da sua casa e de seus haveres, tão contingentes; ahi se nota a paixão que devora o proletariado rural, pelo *fôro* — «*o meu fôro!*» — e se faz desta paixão o estimulo destinado a ligar o que poderia amanhã ser emigrante á terra do seu berço.

E' a theoria da *emphyteuse*, que a summa intelligencia de ALEXANDRE HERCULANO expôs, analysou e preconisou. E' a «*associação do trabalho rustico com a propriedade territorial, de maneira que mutuamente se auxiliem para melhorar a condição do obreiro dos campos*». Furtar-se-hia ao mesmo passo ao Internacionalismo o proletariado rural, o proletariado seriamente perigoso, sobretudo nos paizes de apoucada industria fabril.

Assim, HERCULANO, agricultor, demonstrou-se a um tempo jurisprudente, economista e sociologo, como, quando homem de letras, se patenteou poeta, romancista e historiador.

E' esta segunda feição da sua vida, que está ainda por estudar e por apreciar, no muito, e muito profundo que demonstra ter sido o talento daquelle cerebro extraordinario. E é tambem quando se pensa, lendo lhe pausada e reflectidamente cada uma destas suas *onze* «*CARTAS*», que manancial de doutrinas, de factos e de exemplos a aproveitar não deixou uma esteril polemica antipathica deslisar ao longo de bem possiveis outras tantas cartas, com irremediavel prejuizo de milhares de leitores e do paiz a quem tanto aproveitariam.

Março, 18-1910.

GOMES DE BRITO.



O Mausoleu de Alexandre Herculano nos Jeronimos

Alexandre Herculano faleceu a 13 de setembro de 1877, na sua casa da Quinta de Val-de-Lobos, proximo de Santarem, e foi sepultado no jazigo do general Vieira Gorjão que se encontra no adro da igreja da Azoia de Baixo, povoação tambem proxima de Santarem.

Daqui foram trasladados os restos mortaes do auctor da Historia de Portugal, para o mausoleu erguido numa capéla do mosteiro dos Jeronimos, em 27 de junho de 1888.

A capéla onde o mausoleu foi construido, é a que se encontra ao norte da igreja e junta ao claustro, a qual estava por acabar, faltando lhe a abobada, o que o governo mandou fazer.

O mausoleu foi delineado por Eduardo Augusto da Silva, e para se construir abriram uma subscrição alguns amigos e admiradores do grande historiador portuguez, o que se encontra expresso numa inscripção embebida na parede, e resa assim:

Esta capéla foi mandada completar pelas côrtes geraes da nação, para ficar sendo o monumento a Alexandre Herculano, sob proposta do deputado Marianno Cyrillo de Carvalho em 22 de março de 1884 e com o auxilio eficaz do ministro das obras publicas, Antonio Augusto de Aguiar. O mausoleu e a estatua do crucificado foram erigidos por subscrição feita entre os amigos e admiradores do finado. As obras da capéla e do mausoleu foram gratuitamente e zelozamente planeadas e dirigidas pelo distincto engenheiro Manuel Raymundo Valladas.

A COMMISSÃO.

O crucificado que existe na capéla é esculpido em marmore pelo esculptor e hoje director da Academia de Belas Artes de Lisboa, sr. Simões de Almeida.

Encontra-se mais larga noticia sobre este monumento a pags. 187 do vol. xi do OCCIDENTE, n.º 348.

Uma carta inédita de Herculano

Agora que todas as classes da sociedade portugueza, sobretudo as intellectuaes, procuram commemorar, de diversos modos, o centenario do grande escriptor portuguez, que foi Alexandre Herculano, figura de hontem e que parece já de seculos remotos, não se dirá que vem fóra de proposito trazer a publico uma carta, até agora inédita, d'esse homem, que, com o divino Garrett e com o famoso Castilho, formam a trindade augusta das lettras portuguezas no seculo findo, o seculo que de Garrett se chamou.

Quanto a nós a figura de Herculano não só não foi ainda convenientemente estudada, mas tambem não é sufficientemente conhecida, apezar do muito que a seu respeito se tem escripto e da quasi legião de panegyristas que a sua memoria tem tido. Não seremos nós que nos abalançaremos a tão importante trabalho, porque somos dos mais modestos obreiros das lettras, e trabalho da ordem do que se requer compete aos que vão na dianteira, aos *marechaes* — como agora está em uso dizer-se — e não aos simples soldados.

Quem sabe, mesmo, se não teremos ainda de esperar por outra geração, mais audaz e menos eivada de preconceitos, para que na litteratura e na historia portugueza appareça, emfim, desenhado a traço firme, o verdadeiro perfil d'esse escriptor ao qual os reis e os imperadores cortejavam e que parecia comprazer-se em desdenhar das suas graças e mercês, escondendo-se a pretos e honrarias e feliz no meio da modestia a que, de certa época em diante, se remetteu...

Como Garrett — que melhor temos estudado e que melhor supomos conhecer, por uma sympathia especial que a sua obra e a sua accidentada vida em nosso espirito despertou desde tenros annos, levando-nos a procurar contribuir com todas as nossas forças para a sua definitiva consagração — tambem Herculano é grande demais para poder ser visto de perto. As grandes figuras são para se vêem de longe, e qualquer d'elles muito perto se encontra ainda para que a perspectiva resulte perfeita.

Ponhamos ponto nas considerações que ia-mos produzindo, que nos levariam, talvez, onde não queremos chegar, e occupemo-nos da carta inédita de Herculano a que fizemos referencia no começo d'estas linhas. Ha n'essa carta, que damos em *fac-simile*, não só a confirmação da por todos apregoadada modestia do homem que a escreveu, evidentemente sem a destinar á publicidade, mas tambem, — e, quanto a nós pelo que da nossa observação resultou, — uns laivos da cortante ironia em que tanto parecia comprazer-se o espirito do seu venerando signatario.

A carta foi dirigida ao sr. conselheiro José Maria da Silva Leal, jornalista e escriptor publico, pae do conhecido bibliographo e antiquario sr. Sebastião da Silva Leal, nosso muito presado consocio, camarada e amigo, que do precioso manuscrito, hoje em seu poder, nos deu conhecimento. O sr. José Maria da Silva Leal, que fóra um dos mais devotados membros da Real Associação dos Architectos e Archeologos, fundada em Lisboa por Joaquim Possidonio Narciso da Silva, e que com o grande Herculano mantivera as mais cordeaes relações, querendo honrar mais e mais a prestimosa instituição, lembrara se de propôr a nomeação de Herculano como socio de merito, proposta que teria todo o cabimento e que seria de toda a justiça em face dos trabalhos historicos do proposto. Ou porque, como amigo, conhecesse bem o *feito* de Herculano e não quizesse, conhecendo-o, contrariar-o de surpresa; ou porque outra qualquer ordem de circumstancias imperasse no seu animo, não fez a proposta em que pensára sem a communicar previamente ao interessado, digamol o assim.

A carta que vamos reproduzir, de Alexandre Herculano, é a resposta a essa em que José Maria da Silva Leal communicára o proposito em que estava de lhe arranjar um diploma de socio de merito da Real Associação alludida. E', como se vê do *fac-simile*, datada de Val-de-Lobos a 7 de Março de 1876, e o seu theor é o seguinte, que damos para elucidação de quem não queira decifrar a caligraphia, por que esta, sem ser má, é, todavia, em certos pontos, um pouco confusa:

III.º e Ex.º Sr.

Começo por agradecer a V. Ex.ª a prova que me dá de que não sahi de todo da sua lembrança, nem perdi na corrente impetuosa dos annos a sua amizade.

Depois, pedirei instantemente a V. Ex.ª que não empregue a sua benevolencia para comigo em fazer a proposta a que allude a sua carta.

Quando eu tivesse direito a ser contemplado pela associação a que V. Ex.ª se refere, não teria direito, e, o que mais é, nem vontade, de me queixar de haver sido esquecido, se é que o fui, o que para mim é duvidoso. Pois que faço eu ha muitos annos senão buscar que me esqueçam? Teriam correspondido aos meus desejos. No esquecimento não houve portanto a minima offensa. Sou hoje apenas um modesto agricultor, e a cousa que unicamente me doeria fóra negarem-me que soubesse um pouco do meu officio.

Socio de merito, diz V. Ex.ª. Pelo amor de Deus! Com que bullas? V. Ex.ª bem sabe que no nosso tempo era preciso estudar muito para saber pouco. Faltavam os methodos, o habito das syntheses profundas, das generalisações potentes. Vivemos os dias mais fecundos da vida n'uma atmosfera espessa e de horizontes acanhados. Quando volvemos os olhos para o passado, para os marcos que deixamos na via dolorosa do trabalho intellectual, envergonhamo-nos da exiguidade e mal talhado das pedras. O mundo tem andado: *methodos mais simples, processos mais faceis, intelligencias mais subtis, loquella mais alta e mais brilhante deixam na sombra o pouco que fizemos*. E quer V. Ex.ª tomar um d'esses raros e rudes obreiros de outro tempo e collocar-o em logar distincto entre os muitos que mais podem e valem? E' impossivel, meu amigo. *Deixe-me ficar na minha tranquilla obscuridade*, pensando no meu vinho e no meu azeite, no meu trigo e nas minhas batatas.

Não creia, porém, que a affeição do lavrador de Val-de-Lobos pela obscuridade tranquilla é tão excessiva que não admitte quebra. Admitte-a logo que se possa utilizar em serviço particular de V. Ex.ª, de quem sabe que sou

Amigo Velho e Obg.º C.

(a) A. Herculano.

Griphamos na transcripção da carta algumas passagens que nos pareceram de molde a darem bem a conhecer o estado de espirito, senão a obsessão, em que o velho escriptor se mantinha.

O destinatario da carta viu-se d'este modo contrariado no seu desejo de honrar a associação com o nome de Herculano, mas, em compensação, adquiriu um documento precioso para o seu archivo de autographos. A carta em questão foi cuidadosa e amavelmente guardada pelo pae como com todo o amor e cuidado a conserva hoje o filho, que muito se ufana da affeição, n'essa carta revelada para com o seu progenitor, da parte de quem tanto vale nas lettras da sua patria. Com effeito, ter sido da amizade de Alexandre Herculano é bem um pergaminho de nobreza, que nem todos os escriptores d'esse tempo podiam apresentar...

ALBERTO BESSA.



Homenagem da cidade de Evora a Alexandre Herculano com ineditos delle, por Francisco Barata. Evora, Minerva Commercial, etc., 1910. — Um folheto de 36 paginas adornado com o retrato de Alexandre Herculano.

O erudito investigador das nossas lettras o sr. Francisco Barata, encontrou na preciosa biblioteca do sr. Visconde da Esperança, um volume manuscrito com o titulo: *Obras ineditas de varios autores 2.º Theatro e Poesias*. Quasi ao fim do volume, na parte *Poesias*, lê se por boa letra: *Ode ai poeti ed idioma Italiani*, assinado por A. H. C.

Esta ode faz o assunto do folheto a que nos estamos referido e que tem o seguinte frontespicio: *Ode autographa e inédita de Alexandre Herculano, dada á estampa com introdução de Antonio Francisco Barata, 1.ª edição, editor J. S. Nazareth*, etc. A esta ode seguem no mesmo folheto algumas cartas ineditas de Herculano, dirigidas ao fallecido conselheiro Joaquim Philippe de Soure, e agora facilitadas para a publicação pelo sobrinho e herdeiro sr. Thiago Eleuterio de Soure.

Como se vê, é interessante a contribuição que o sr. Barata concorre para a comemoração centenaria do grande Mestre, que neste momento

Val-de-Lobos 7 março 76

Mexico

Comunicação por agradecimento a V. Ex.^{cia} a pro-
va que me dá de que não sou de todo da sua lumbra-
ca, nem perdi na corrente impetiva dos annos a sua
amizade.

Depois pedirei simultaneamente a V. Ex.^{cia} q-
nao empoguem a sua benevolencia para comigo em
favor a proposta a que allude a sua carta.

Quando um diuigen direito a ser contem-
plado pela aforicação a que V. Ex.^{cia} se refere, não ter-
ria direito a o que mais é, nem vontade de me qui-
zar de haver sido enganado, se é que o fui, o que
para mim é duvidoso. Con, que farei em tão muitos an-
nos semo bressar que me enganaram? Tiviam corrompe-
do os meus desejos. No engarimento não houve por-
tanto a minima offensa. Sou hoje apenas um modesto
agricultor, e a coisa que unicamente me devia fora
negar-me que soubeja um pouco de meu officio.

Sou de muito, diz V. Ex.^{cia}. Pelo amor de
Deus! Com que bellas? V. Ex.^{cia} bem sabe que no tempo
tempo era preciso estudar muito para saber pouco.
Faltavam os methodos, o habito das synthese pro-

fundar, das generalisacões, e pretendir. Viviam os dias
mais fceudos da vida n'uma atmosphera espessa e
de horrores acumbados. Quando voluemos os olhos
para o passado, para os marcos que deixamos na
via dolorosa do trabalho intellectual, emvergouha-
mo-nos da exiguidade e mal-talhado das pedras.
O mundo tem andado: methodos mais simples, pro-
cessos mais facis, intelligencias mais sublis, loguilla
mais alta e mais brilhante deixam na sombra os
processos que fizemos. E que V. Ex.^{cia} tomar um desfer-
raro e ruder obreiros de outros tempos e collocar-lo
em logar distincto entre os miltos que mais produzem
e valem? E' ingratissimo, meu amig. Deixe-me fi-
car na minha tranquilla obscuridade, puzendo
no meu rinto e no meu arcaite, na meu tojo como mi-
nhas batatas.

Sua creia, porém, que a raffinacão do
lavrador de Val-de-Lobos fclha obscuridade tranquilla
e tão exclusiva que não admitta quebra. Admitte a
logo que se possa utilizar em servico particular dos
V. Ex.^{cia}, de quem sabe que sou

Am. velho e obry, C.
A. Herculano

FAC-SIMILE REDUZIDO DE UMA CARTA INÉDITA DE ALEXANDRE HERCULANO

todos os portuguezes celebram. Uma duvida, po-
rém, temos sobre a autenticidade da Ode, duvida,
aliaz, que o proprio sr. Barata não deixa de ter
tambem, pois não basta o manuscrito estar fir-
mado com as iniciaes A. H. C. para o autenticar
como de Alexandre Herculano, tanto mais quando
não se póde autenticar a letra, e as iniciaes A. H.
C. não serem exclusivas do nome de Alexandre
Herculano de Carvalho. Posto isto, é assunto
ainda para escabichar se Herculano escreveria
em italiano poesia, embora soubesse a lingua.

Acerca de Filinto — E' este o titulo de um li-
vro que o sr. Leão Horacio, um antigo jornalista,
acaso, mais conhecido no Brasil do que entre
nós, mas que actualmente aqui se encontra, vae
publicar, acerca do poeta Francisco Manuel do
Nascimento — Felinto Elisio — em que faz um es-
tudo biografo, historico, critico e literario do
grande poeta lirico.

A edição, limitada ao numero de assinaturas que

obtiver, será impressa com bom tipo e em bom
papel, proprio para os amadores das boas letras.

Acham-se em distribuição prospectos para a co-
lheita de assinaturas.

Aurora do Cavado. — Reappareceu, depois de
longa interrupção, este antigo quinzenario de li-
teratura, bibliografia e politica, proficientemente
redigido pelo sr. dr. Rodrigo Velloso, bem conhe-
cido e reputado nas letras portuguezas, como um
dos seus mais dedicados cultores. A *Aurora do
Cavado* conta trinta e cinco annos, e entrou agora
na 3.^a serie.

Boletim Notarial e Forense. — *Quinzenario.* —
Dirétor Rodrigo Velloso. — E' novo este quinze-
nario, de que temos presente o n.º 3, bem redi-
gido e variado em seus artigos, atestando a com-
petencia do sr. dr. Rodrigo Velloso, incançavel
homem de letras da velha guarda, que tem ilus-
trado seu nome na imprensa portugueza.

O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro 1910

Barometro. — Max. altura 774^{mm},7 em 23.

Min. > 752^{mm},3 em 19.

Termometro. — Max. altura 17^o,3 em 16.

Min. > 7^o,5 em 12.

A temperatura manteve-se suave durante o
mez, sendo o afastamento dos niveis, como se
vê, inferior a dez graús.

Chuva — 35^{mm},4 em 11 dias, havendo um unico
dia de chuva copiosa, em 18 (12 millimetros).

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado
6 dias.

> Nublado 18 dias.

> Encoberto 4 dias.

Vento dominante — NNW.

Granizo — Em 18.

Vierling & C.^a

Abriam o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios. Papeis de Credito, Coupons,
Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone. 2873

Endereço. Fundos.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia
chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais ba-
ratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

23 a 173 francos por semana. podem ganhar, senhoras,
homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhe-
cimento algum especial. Venda garantida — A. I. Horton — 56 — Rue Car-
vés — Grand Montrouge (Seine) France.

Novidade litteraria:

CONTOS E DIGRESSÕES

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com de-
senhos de Antonio Ramalho e Caetano Alberto, contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras —
Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa
agricola em Elvas.

Cartonagem em relevo, ouro e côres, completa novidade

Preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPRESA DO OCCIDENTE

Poço Novo — LISBOA